



PERSPECTIVAS DOCENTES E DISCENTES ACERCA DO ENSINO REMOTO: OBSERVAÇÕES A PARTIR DAS AULAS DE SOCIOLOGIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE FORTALEZA

Ana Clara de Castro Lopes ¹
Michely Peres de Andrade ²

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta apresentar os principais resultados das atividades desenvolvidas no âmbito da disciplina Prática de Ensino VII e VIII, ofertada pelo curso de Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade Estadual do Ceará - UECE. A disciplina citada compõe a etapa de finalização da formação docente das/dos estudantes e auxilia no seu processo de inserção nas escolas de Ensino Médio, de forma articulada aos Estágios supervisionados. As observações realizadas nas aulas online, assim como a realização de grupos de discussão com estudantes das escolas, foram as metodologias que possibilitaram traçar um breve panorama acerca das perspectivas docentes e discentes sobre o ensino remoto emergencial, vivenciado no contexto da pandemia de Covid-19. Para o trabalho, escolhemos como ponto de partida as atividades realizadas em uma escola pública específica, situada na cidade de Fortaleza. As vivências e observações das aulas de Sociologia ocorreram com turmas do 2º e 3º ano do Ensino Médio, através da plataforma Google Meet. A importância do trabalho justifica-se, então, pela necessidade de contextualizar, discutir e trazer à tona não apenas os impactos dos problemas causados pela pandemia na educação, mas também as perspectivas dos/as estudantes e professores/as a respeito dos desafios enfrentados nesse período.

Palavras-chave: Ensino Remoto, Ensino de Sociologia, Trabalho docente, Juventudes.

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19, doença que acometeu o globo e já ceifou milhares de vidas, vem modificando de forma significativa as relações sociais, as interações e sociabilidades. Com isso, a educação tem sido uma das instituições que mais sofreram os impactos causados pela pandemia. Como apontam as autoras Karla Saraiva, Clarice Traversini e Kamila Lockmann na pesquisa intitulada “A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente (2020)”, as instituições de ensino precisaram não apenas

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista do Grupo de Pesquisa e Extensão sobre Relações Étnico-Raciais, Gênero e Educação (GERE - UECE/UNILAB), Email: ana73026@gmail.com.

² Professor orientador: Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora Ajunta do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Coordenadora do Grupo de Pesquisa e Extensão sobre Relações Étnico-Raciais, Gênero e Educação (GERE - UECE/UNILAB). Email: michely.andrade@uece.br.



adaptar-se ao modelo remoto/online, mas também ao ritmo desenfreado, que as autoras de denominam 24/7, regime esse que pode ser caracterizado por uma rotina de funcionamento contínuo, sem pausa, sem descanso, acentuando a precariedade do trabalho docente e gerando exaustão a milhares de profissionais da educação.

A partir das experiências vividas ao longo desses meses de pandemia, seja na condição de docente ou de discente estagiária, foi possível perceber como professores/as, gestores/as e estudantes precisaram se adaptar a uma rotina escolar completamente nova, o que impactou o processo de ensino-aprendizagem, suas metodologias e práticas pedagógicas, buscando formas de diminuir os prejuízos que a pandemia provocava. Assim, o caminho traçado como o mais viável, para que estudantes de todo o mundo continuassem acessando a educação formal, foi o ensino remoto, através de aulas online em tempo real, transmitidas por diferentes plataformas. Associado às aulas síncronas, também foram utilizadas as aulas gravadas (assíncronas), bem como a disponibilização de materiais que até então não faziam parte do conjunto de recursos didáticos utilizados por professores da educação básica, a exemplo do Podcast.

Com isso, já é possível visualizar parte do problema: Quantos e quais estudantes realmente conseguem ter acesso a essas aulas, materiais e recursos? Qual a formação os/as professores/as tiveram para se utilizarem dessas novas ferramentas, que tornaram-se compulsórias do dia para a noite? Como tem sido a relação professor-aluno no contexto do ensino remoto? Quais as principais dificuldades e possibilidades desse modelo na ótica de docentes e discentes? Essas e outras questões foram se avolumando, na medida em que as atividades do estágio tornaram-se mais desafiadoras. Nesse cenário de mudanças e incertezas, esperamos desenvolver breves reflexões acerca do ensino remoto, como desdobramento das observações e atividades realizadas nas aulas de Sociologia no Ensino Médio. Tais reflexões partem da indissociabilidade entre a teoria e a prática, na medida em que o trabalho de observação e de escuta foi intermediado pelos referenciais bibliográficos estudados ao longo do estágio e da disciplina de Prática de ensino.

METODOLOGIA

Para as observações das aulas, foi utilizado um roteiro que orientou o trabalho de pesquisa durante as atividades realizadas na escola durante o período de ensino remoto. Assim, em diálogo com o roteiro, o trabalho foi estruturado para pensarmos o Ensino Remoto: desafios e potencialidades a partir das perspectivas docentes e discentes e o Ensino de

Sociologia hoje. A organização dessas temáticas buscou trazer uma descrição dos fenômenos observados e analisá-los a partir das referências bibliográficas debatidas ao longo do semestre.

Após o acompanhamento das aulas síncronas, através da plataforma Google Meet, foi realizada uma entrevista com a professora responsável pela disciplina de Sociologia, assim como um grupo de discussão com estudantes da escola parceira. Os grupos de discussão, ainda que realizados com a intermediação de plataformas online, são importantes recursos metodológicos nas pesquisas com jovens. Tal metodologia está presente nos trabalhos de Juarez Dayrell sobre juventude e culturas escolares (1999; 2011), e nas pesquisas desenvolvidas por Wivian Weller (2006) sobre a cultura do hip hop entre jovens negros de São Paulo e Berlin. Após realizada a leitura das referências teóricas utilizadas nas disciplinas, estudantes secundaristas são convidados/as a participarem dos grupos de discussão.

Já tem sido comprovado que, além de metodologia de pesquisa, as rodas de conversa ou grupos de discussão também são recursos dialógicos poderosos no processo de ensino aprendizagem. Como defende a pesquisadora Wivian Weller:

Os grupos reais se constituem como representantes de estruturas sociais, ou seja, de processos comunicativos nos quais é possível identificar um determinado modelo de comunicação. Esse modelo não é casual ou emergente, muito pelo contrário: ele documenta experiências coletivas assim como características sociais desse grupo, entre outras: suas representações de gênero, classe social, pertencimento étnico e geracional. Nesse sentido, os grupos de discussão, como método de pesquisa, constituem uma ferramenta importante para a reconstrução dos contextos sociais e dos modelos que orientam as ações dos sujeitos. A análise dos meios sociais compreende tanto aqueles constituídos em forma de grupo (família, vizinhança, grupos associativos, grupos de rap) como os “espaços sociais de experiências conjuntivas”, na terminologia de Karl Mannheim (WELLER, 2006).

Por meio dos grupos de discussão, trabalhados nas disciplinas de Práticas de ensino e de Estágio supervisionado, os discentes costumam entrar em contato com uma pluralidade de narrativas sobre aspectos variados das culturas juvenis na contemporaneidade, tais como: moda e linguagem; identidade de gênero e relações raciais; a percepção desses jovens sobre a violência urbana; sua relação com o currículo e a metodologia de ensino, entre outros. No contexto do ensino remoto, os grupos de discussão possibilitam um profícuo diálogo com as juventudes a respeito da sua relação com a escola em um momento tão difícil e traumático como a pandemia de Covid-19.

REFERENCIAL TEÓRICO



Como fundamentação teórica do trabalho, foram utilizadas as contribuições de Karla Saraiva, Clarice Traversini e Kamila Lockmann no artigo intitulado “A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente (2020)”. A pesquisa realizada pelas autoras foi fundamental para as nossas reflexões acerca do modelo de exaustão, denominado pelas autoras de 24/7, que também tem atingido a educação e o trabalho docente. Recorremos a Juarez Dayrell, por sua vez, que no artigo “A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil (2007)”, nos apresenta importantes contribuições para a compreensão do perfil das/dos estudantes que hoje frequentam a escola pública.

Para orientar a interlocução com o grupo de discussão realizado com os/as estudantes, foram utilizadas reflexões do filósofo Edgar Morin (2000), uma vez que este nos traz o paradoxo da comunicação e da compreensão nas sociedades contemporâneas, atravessadas pela proliferação das mídias digitais, suas limitações e ruídos. Em “Os sete saberes necessários à educação do futuro” Morin afirma que a situação é paradoxal na nossa era. As interdependências multiplicaram-se, na medida em que a comunicação triunfa e o planeta é totalmente atravessado por redes, telefones celulares, Internet e plataformas digitais. Em contrapartida, a incompreensão e os ruídos parecem ser uma marca do nosso tempo.

Segundo Morin, sem dúvida, haveria importantes e múltiplos progressos da compreensão, mas o avanço da incompreensão na era informacional parece ainda maior. O problema da compreensão tornou-se crucial para os humanos. E, por este motivo, deve ser uma das finalidades da educação do futuro. “Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para a compreensão humana é outra. Nela encontra-se a missão propriamente espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade” (MORIN, 2000).

No que concerne à prática docente, a partir das observações em sala de aula e conversas informais com a professora supervisora da escola, trouxemos Maria Aparecida Bridi, Silvia Maria Araújo, Benilde Lenzi Motim, na obra “Ensinar e Aprender Sociologia no Ensino Médio (2010)”. Para finalizar, traçamos um diálogo com Maurice Tardif a partir do seu livro “Saberes docentes e formação profissional (2002)”, que nos auxilia a identificar os saberes práticos e experienciais dos/das docentes e como estes saberes precisaram ser reinventados em tempos de pandemia e ensino remoto.

Dentre os aspectos mais relevantes apontados pelos/as interlocutores/as, ressaltamos: O acirramento das desigualdades sociais no contexto da pandemia, que revelou a gigantesca



exclusão digital entre estudantes e professores/as. A partir das observações, constatamos que houve um número significativo de estudantes com dificuldade para acessar as aulas remotas/online, mesmo com as políticas públicas adotadas pelo governo do Ceará. A entrada precoce no mercado de trabalho, a ausência de internet em casa, o compartilhamento de aparelhos celulares entre vários membros da família, infraestrutura inadequada para as aulas online, exaustão e transtornos emocionais são alguns dos problemas mais identificados ao longo das observações e conversas com a professora de Sociologia e estudantes. São aspectos que marcam as perspectivas discentes e docentes em tempos de ensino remoto. Tais problemas precisam de uma reflexão mais apurada em um cenário onde crescem as disputas e os interesses do setor privado nas tecnologias educacionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ensino Remoto: desafios e possibilidades, perspectivas docentes e discentes

A escola escolhida para a realização da prática de ensino e das atividades do estágio encontra-se situada na periferia da região metropolitana de Fortaleza, na fronteira com Maracanaú. Compreender essa localização nos cabe, pois, a partir dela, torna-se possível visualizar a fragilidade das políticas públicas e das parcerias entre os municípios para atender as demandas da população local, tais como saúde, esporte, lazer e educação. Essa fragilidade impacta na vida das juventudes de diferentes formas.

O acompanhamento das aulas de Sociologia ocorreu com as turmas de 2º e 3º anos do Ensino Médio, no turno da manhã. As aulas eram realizadas, quinzenalmente, em 40 minutos, de modo que já é possível perceber não apenas a redução da carga horária, mas também a desestabilização e a dificuldade na manutenção de vínculos entre professora e estudantes. Com as relações cada vez mais enfraquecidas, mediadas através das telas digitais, de celulares e/ou notebooks, a professora não se via com tempo hábil para a criação e/ou fortalecimento de do vínculo com os/as estudantes.

Nesse cenário angustiante para professores/as e estudantes, cabe trazer uma primeira discussão para a compreensão do que seria esse modelo de ensino remoto, ou seja, emergencial e realizado sem um planejamento e estruturação prévia. Dessa forma, as ferramentas utilizadas foram recebidas com estranheza por parte significativa dos profissionais da educação, que até então viam as plataformas online com desconfiança, associando-as ao Ensino à distância (EaD). Google meet, Zoom, Google sala de aula, padlet, foram muitas as ferramentas adotadas pelos estados, cidades e municípios, pressionados pelo

discurso de que a educação não podia parar. Para os/as docentes, ficou a responsabilidade de reinventar as práticas pedagógicas e os recursos didáticos utilizados, na incessante busca por participação dos estudantes nas suas aulas.

Antes de darmos continuidade a essa reflexão, faz-se necessário traçar brevemente as diferenças e as aproximações entre o ensino remoto e o EAD. Escolhemos elencar algumas das principais características de ambos, uma vez que ainda há estudantes e licenciandos/as que confundem as suas singularidades:

Ensino Remoto Emergencial	Educação à Distância (EAD)
<ul style="list-style-type: none"> • Situação emergencial e temporária para dar conta de uma necessidade: não parar a educação; • Não houve planejamento prévio: os/as docentes e discentes não foram preparados/as e orientados/as para o uso das ferramentas que seriam utilizadas; • Ocorre em modelo de transposição de aulas do ensino presencial para o ensino remoto; • Marcado por encontros síncronos, ou seja, em tempo real; e assíncronos (gravados). 	<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento prévio; • Aulas gravadas e planejadas; • Orientação de um/a tutor/a; • Suporte tecnológico para utilização das ferramentas; • Encontros assíncronos; • Os/ as docentes são/ estão preparados/as para esse modelo de ensino, e são devidamente orientados/as para a utilização das ferramentas disponibilizadas; • Material didático planejado e adaptado ao modelo.

Tanto o EaD quanto o ensino remoto necessitam que as/os estudantes tenham acesso à internet e às plataformas digitais utilizadas. Antes da pandemia, as desigualdades sociais já eram uma realidade que marcava as disparidades no interior da escola. Como nos mostra Juarez Dayrell (2007), desde 1990, a maior parte dos/as estudantes que compõem o ensino médio é oriunda das classes populares. Assim, refletir sobre o ensino remoto é considerar o alargamento gritante das desigualdades sociais, uma vez que são estes/as sujeitos/as que têm tido maior dificuldade de acesso às aulas remotas/online.

Desse modo, no processo de acompanhamento das aulas durante o estágio, foi possível observar os impactos das desigualdades sociais já existentes na rotina escolar dos/das estudantes. Segundo os dados que são gerados pelas próprias instituições escolares, boa parte dos/ as estudantes das escolas públicas não acessam as aulas remotas e os materiais disponibilizados pelos/as professores/as, dificultando o processo de ensino-aprendizagem. Alguns dos fatores que se mostraram mais frequentes ao longo do estágio foram: a ausência de internet em casa, o compartilhamento de aparelhos celulares com outros membros da



feriados não são mais seus, pois está sempre resolvendo demandas da escola, dos/as estudantes e do núcleo gestor. Afirmou que a sensação é a de que “trabalha três vezes mais do que no ensino presencial”, e que isso traz prejuízos a sua vida pessoal e sua saúde física e emocional.

Outra questão pertinente relatada pela professora foi o uso das tecnologias para ministrar as aulas remotas/online. Ela informou ter adquirido um notebook para que as aulas tivessem melhor qualidade, contudo, o seu plano de internet não permitia uma boa conectividade, de modo que as aulas por ela ministradas eram através do aparelho celular, que permitia uma conexão mais estável. Além disso, a professora comentou acerca da dificuldade em usar algumas ferramentas que a escola havia adotado, como o Google formulário e o Google sala de aula, refletindo que muitas vezes recebia ajuda dos filhos quando precisava elaborar uma prova, por exemplo. Assim, torna-se nítido que essa profissional, assim como tantos/as outros/as, sequer receberam orientações mais didáticas sobre o uso dessas ferramentas e que isso dificultou de forma significativa a sua atuação como docente.

Além da experiência vivida pela docente, cabe a nós refletirmos sobre as perspectivas discentes a respeito do ensino remoto e como este interferiu na sua rotina e nas suas relações sociais. Para isso, foi preciso realizar uma escuta atenta dos/das estudantes, o que ocorreu em forma de grupo de discussão, na companhia de um colega da licenciatura, que naquele momento também cursava o estágio supervisionado e a Prática de ensino. A conversa foi realizada com 19 estudantes do Ensino Médio e ocorreu no dia 02 de junho do presente ano, tendo a duração de uma hora e meia. Ao longo desse processo, foi possível ter acesso às perspectivas e principais questões suscitadas pelas/pelos estudantes.

O objetivo da atividade proposta foi realizar uma escuta ativa e sensível desses/as jovens. Assim, algumas questões surgiram, sendo algumas delas: o excesso de atividades exigidas pelos/as professores/as; a dispersão e a dificuldade de aprendizado nas aulas online; a dificuldade de estudar em ambiente doméstico, sobretudo para as jovens que precisavam conciliar com o trabalho doméstico, o que revela as desigualdades de gênero agudizadas durante a pandemia. Para ilustrar a experiência vivida desses/as discentes, trouxemos algumas falas registradas ao longo da conversa. Respeitando o sigilo dos/das entrevistados/as, decidimos utilizar nomes fictícios.

“Faz muito barulho aqui em casa e não dá para prestar atenção na aula” (Sueli)

“Moro no interior atualmente e a internet é meio ruim” (Carolina)

“Sempre fui muito organizada em tudo, mas agora estou totalmente desorganizada, principalmente na entrega das atividades” (Lélia)



“Outra coisa, quando você não pode participar de uma aula e vai olhar o grupo tem 2 atividades, quando é no outro dia, você vai fazer as atividades que não fez, aí aparece mais 3 e assim sucessivamente” (Cesário)

Ainda com relação às perspectivas estudantis, eles/as disseram sentir-se desvalorizados/as na escola, pois muitos/as professores/as não perguntavam como estavam a sua rotina nas diferentes esferas da vida. Na ótica desses/dessas estudantes, a escola só se importava com o “rendimento escolar”, uma vez que o importante era estar ali na aula e alcançar boas notas, o que gerava ainda mais a sensação de fracasso. Notas abaixo da média e a falta de concentração nas aulas apareceram como alguns dos fatores que mais afetam as/os estudantes emocionalmente.

Durante a conversa com as/os discentes, questões envolvendo empatia e auto-estima apareceram como demandas que os/as estudantes colocaram como prioritárias, mas que não fazem parte do planejamento ou projetos da escola. Algumas das falas registradas nos ajudam a compreender melhor como se sentem:

“Essa pandemia não afetou só estudos, afetou também o psicológico da gente, eu mesmo já disse pra mãe que quero urgentemente falar com um psicólogo, reconheço que preciso (Carolina)

“Eu acho raro conversar em família hoje em dia (Francisco)

“Gente, a minha auto estima nessa quarentena foi lá para baixo (...) Eu olho as fotos no instagram, pessoas perfeitas, com famílias perfeitas” (Milton)

Novamente, recorrendo às palavras do filósofo e educador Edgar Morin, acreditamos que as suas reflexões a respeito da comunicação nas sociedades contemporâneas tenham muito a nos dizer:

A comunicação triunfa, o planeta é atravessado por redes, fax, telefones celulares, modems, Internet. Entretanto, a incompreensão permanece geral. Sem dúvida, há importantes e múltiplos progressos da compreensão, mas o avanço da incompreensão parece ainda maior. (MORIN, 2000, p. 93)

Assim, a partir dessa pequena passagem da obra do autor e pensando especificamente sobre a escuta atenta e a empatia através de uma comunicação intersubjetiva, compreendemos que mesmo com tantas ferramentas e avanços tecnológicos, falta-nos esse olhar atento às questões do/a outro/a, compreendendo as raízes das ações e buscando estabelecer uma comunicação nítida e sem ruídos. Eis um grande desafio para todos/as nós. Dessa forma, acreditamos que esse trabalho se constitui como espaço reflexivo de inquietação, compartilhado nas aulas de estágio com outros colegas que também traziam histórias semelhantes, a partir das suas experiências em outras escolas públicas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir esse trabalho nos fez refletir, enquanto estudante e docente, sobre os vários desafios que permeiam o ensino remoto e o ensino de sociologia, sobretudo em relação às demandas que os/as estudantes e os/as docentes têm levantado. Em vários momentos, ao longo do semestre, o trabalho de estágio confundiu-se com a nossa atuação docente, uma vez que vivenciamos várias das situações relatadas pela professora entrevistada, o que nos fez refletir e tensionar, de forma profunda, várias das questões apontadas durante o processo.

Consideramos ainda que as experiências construídas através das disciplinas de práticas de formação e estágios supervisionados têm importância significativa na formação de licenciados/as por possibilitar aproximações com as subjetividades escolares de docentes e estudantes, bem como as suas demandas e anseios. Os trabalhos desenvolvidos pelas práticas de ensino e pelos estágios supervisionados contribuem para uma formação crítica, reflexiva e problematizadora, sensível às possibilidades de melhorias e transformações sociais, acadêmicas e escolares.

As atividades escolares desenvolvidas no meio remoto nos mostraram os limites e as dificuldades que professores/as e estudantes enfrentaram. Os relatos trazidos por pelas/os discentes demonstram que a inclusão digital que tentam implementar no Brasil desde a década de 1990 não tem ocorrido de forma a proporcionar um acesso de qualidade a plataformas digitais que necessitam de maior conectividade.

Por outro lado, embora os limites e problemas enfrentados em tempos de pandemia e de ensino remoto sejam inúmeros, “ocupar” a escola nesse período, de certo modo, representa dar voz aos estudantes e professores no processo de repensar a educação remota. O trabalho de escuta é imprescindível para reivindicarmos uma política pública educacional que invista, de fato, em tecnologia digital, dando ênfase aos grupos mais vulneráveis e agindo de forma a superar a evasão e a exclusão escolar.

A última parte do trabalho, também é considerada uma das mais importantes, tendo em vista que nesta sessão, deverão ser dedicados alguns apontamentos sobre as principais conclusões da pesquisa e prospecção da sua aplicação empírica para a comunidade científica. Também se abre a oportunidade de discussão sobre a necessidade de novas pesquisas no campo de atuação, bem como diálogos com as análises referidas ao longo do resumo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRIDI, Maria Aparecida; ARAÚJO, Silvia Maria de; MOTIM, Benilde Lenzi. *Ensinar e Aprender Sociologia no Ensino Médio*. São Paulo: Contexto, 2010.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação & Sociedade*, v. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, 2007. Disponível em:

<<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100&ved=2ahUKEwiE67vrnvzuAhUmH7kGHfvYDhcQFjAAegQIAxAD&usq=AOvVaw0xRwNoNeiyNxP-wK28almx>>. Acesso em: 04 de jul. de 2021.

Morin, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2ª ed., São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice. A educação em tempos de Covid-19: ensino remoto e exaustão docente. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 15, e2016289, p. 1-24, 2020.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

WELLER, Wivian. *Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006.